



Sua empresa está preparada para usar IA, mas e a sua infraestrutura?

Marcos Tadeu Jr (*)

Nos últimos meses tornou-se quase impossível conversar com empresários e executivos sem que a inteligência artificial apareça como um dos temas centrais

Todos querem IA, todos falam de IA, todos prometem IA. Mas a realidade é que a maioria ainda opera como se estivesse na década de 90.

De um lado há a expectativa de que a IA ajude a cortar custos, aumentar a produtividade e transformar processos; de outro vemos organizações travadas por sistemas antiquados, fluxos manuais e uma cultura resistente a mudanças. É como exigir que um carro com motor fundido dispute uma corrida de Fórmula 1. E isso não é exagero.

O atraso não é exclusividade brasileira. Pesquisas recentes da McKinsey indicam que apenas 11% das empresas no mundo usam IA generativa em escala, e em áreas operacionais menos de 6% conseguiram escalar um caso de uso. Em outras palavras: a maioria faz experimentos, mas poucos integram a tecnologia de verdade. Outro levantamento realizado pela Revista TIC Empresas 2024 reforça que, apesar do hype, só 11% das empresas adotaram. Por quê? Porque os dados estão espalhados em planilhas, os processos dependem de e-mails, papéis e aprovações manuais, e a tecnologia ainda é vista como custo, não como estratégia.

Enquanto isso, as big techs operam em outro patamar. Na WWDC 2025, a Apple anunciou a integração do Apple Intelligence ao iPhone, iPad, Mac, Apple Watch e Vision Pro, com recursos como Live Translation e modelos de linguagem on device que estarão disponíveis aos usuários em breve. Em outras palavras, as ferramentas de IA generativa estarão no bolso dos seus colaboradores antes

(*) CEO da Invent Software.

de estarem integradas aos sistemas corporativos.

No e-commerce, a distância entre discurso e prática também se escancara. Plataformas investem em experiências personalizadas com IA, enquanto muitos varejistas ainda lutam para consolidar dados de estoque, pedidos e clientes em sistemas minimamente integrados. A promessa de prever comportamentos de compra e automatizar decisões esbarra em operações fragmentadas, processos manuais e cadeias logísticas sem visibilidade em tempo real. Resultado: empresas gastando mais do que precisam, vendendo menos do que poderiam e culpando a concorrência ou o mercado.

Organizações que desejam competir no mundo da IA precisam começar pelo básico: arrumar a casa. Isso significa investir em infraestrutura, automação, integração de dados e revisão de processos. Só assim será possível extrair valor real da IA. Não adianta contratar especialistas em prompts se sua operação ainda depende de carimbos e planilhas.

Na minha trajetória, tenho ajudado empresas a sair do modo analógico, automatizando processos, integrando sistemas legados e modernizando operações.

Na Invent, desenvolvemos soluções tecnológicas que se conectam à qualquer ERP e acompanhamos nossos clientes de perto na implantação, na integração e no suporte. Presenciamos diariamente como a automação dos processos fiscais, financeiros e de RH/DP, reduzem os riscos de erros, multas e otimizam a performance das pessoas e das empresas. A inteligência artificial está transformando o mercado, mas apenas para quem se prepara para usá-la. Quem não fizer o dever de casa continuará agindo como se estivesse na década de 90, e esperando por um futuro que já começou.

Fator crítico para competitividade e redução de riscos em 2026

Com modelos preditivos, automação e análises explicativas, a inteligência artificial avança em setores como varejo, finanças, logística, indústria e serviços, ampliando produtividade, previsibilidade e eficiência operacional

O balanço de 2025 mostra que este foi o ano em que a inteligência artificial deixou o campo experimental e entrou definitivamente no dia a dia das empresas. Para 2026, a tendência avança ainda mais e a IA passa a definir ritmo, eficiência e competitividade em segmentos que vão do varejo à logística, com impactos diretos em custos, previsibilidade e relacionamento com clientes. Cada vez mais acessível e robusta, a tecnologia transforma a forma como organizações tomam decisões, otimizam recursos e interagem com consumidores.

Nesse cenário, a IA inaugura um novo paradigma de gestão empresarial. Processos antigos guiados pela intuição passam a ser orientados por modelos preditivos e análises explicativas. A combinação entre dados, aprendizado de máquina e automação tem acelerado ganhos expressivos de produtividade. Para Carlos Relvas, Chief Data Scientist da Datarisk, a inteligência artificial vai além de uma ferramenta tecnológica. “Trata-se de uma estratégia de negócios, pois permite decisões mais precisas, ágeis e personalizadas que ajudam as empresas a se posicionarem de forma competitiva em mercados cada vez mais dinâmicos e exigentes.”

A seguir, cinco áreas em que o impacto da inteligência artificial já é evidente e deve se intensificar no próximo ano:

Varejo: previsibilidade e eficiência operacional

No varejo, a IA já transforma o planejamento de

pariskov_CAVANA



estoque, a logística e o relacionamento com o consumidor. Modelos preditivos permitem antecipar riscos de ruptura e ajustar volumes de reposição com base em dados de vendas, sazonalidade, preços e transporte.

A parceria entre a Suzano e a Datarisk demonstra essa evolução: a empresa reduziu em 50% as rupturas de estoque no canal de papelarias ao usar machine learning para prever indisponibilidades com base em variáveis de demanda, preço e logística.

Além do estoque, a IA impulsiona a personalização de ofertas, a automação de atendimento e o redesenho da última milha, reduzindo custos, prazos e aumentando conversão e fidelização.

Mercado financeiro: retenção e crédito com inteligência

No setor financeiro, soluções baseadas em IA já prevêem churn, reduzem inadimplência e ampliam a assertividade em decisões de crédito. Com modelos preditivos e análises explicativas via SHAP — metodologia que identifica os fatores que influenciaram cada decisão

Integradas à infraestrutura dos clientes, as soluções transformam previsões em ações práticas — como definição de volumes ideais

de pedido, estimativas de estoque em tempo real e planejamento da atuação de promotores — ampliando disponibilidade, reduzindo custos e elevando a satisfação do consumidor.

Manufatura: produção inteligente e manutenção preditiva

Na indústria, a IA apoia a otimização de processos produtivos, previne falhas e eleva a eficiência operacional. Modelos analisam dados de sensores e sistemas MES para antecipar problemas, ajustar parâmetros em tempo real e automatizar etapas de controle de qualidade.

Combinada à visão computacional, a tecnologia permite inspeções automatizadas com precisão superior à humana. Além disso, integrações com plataformas como Azure OpenAI e Google Vertex AI garantem governança e segurança no uso de IA generativa em ambientes industriais.

Serviços: experiência do cliente e automação inteligente

No setor de serviços, a IA já melhora a experiência do cliente, reduz o tempo de atendimento e aumenta a precisão nas interações. O Reclame AQUI é um exemplo: a adoção de IA reduziu o esforço de moderação e acelerou a resolução de conflitos.

A Datarisk também oferece agentes inteligentes para atendimento, análise de documentos e classificação de dados, além de soluções para previsão de demanda, análise de sentimentos e mapeamento da jornada do cliente.

Mercado financeiro: saiba como investir com segurança em 2026

Especialista defende cautela nos investimentos para o ano que vem; eleições presidenciais e cenário geopolítico global devem impactar ativos no Brasil.

Apesar do bom desempenho financeiro de 2025, os investidores devem ficar atentos ao mercado no ano que se inicia para manter uma carteira de ativos sólida e segura. O alerta é do diretor de investimentos da Zelen Family Office, Raphael Cordeiro. Ele explica que 2025 surpreendeu a média das expectativas após um grande pessimismo no início do ano e um cenário internacional bastante conturbado no primeiro quadrimestre, principalmente devido às tarifas dos Estados Unidos, mas que o cenário se normalizou e a economia brasileira conseguiu expandir, com perspectiva de crescimento do PIB em 2% neste ano.

A inflação também surpreendeu o mercado neste período. Tínhamos, já em janeiro, uma expectativa de inflação em 4,49%, ou seja, dentro do teto da meta, o que em tese permitiria o Banco Central iniciar

reduções nas taxas de juros. Isso acabou não ocorrendo, mas a taxa pré-fixada de médio prazo recuou de próximo de 15,50% para cerca de 13%, o que fez os ativos financeiros apreciarem em 2025”, destaca Raphael Cordeiro.

Como exemplo, ele cita o Ibovespa que, até 15 de dezembro, subia 35% no acumulado do ano. Já os títulos públicos pré-fixados subiam 17,8% até o final de novembro. Outra classe de ativo que se valorizou nesse ano foi a de fundos imobiliários - até o início de dezembro, o IFIX registrava uma elevação de 17,5% no acumulado de 2025. “Vale lembrar que o dólar recuou em relação ao real, mas ficou dentro do nosso cenário, que esperava uma queda para R\$ 5,47. A alta do final de 2025 parecia mesmo exagerada”, complementa.

Para 2026 o cenário é de cautela, principalmente devido às eleições presidenciais de outubro, o que pode aumentar a desconfiança do mercado, bem como as instabilidades geopolíticas globais, que devem refletir de alguma maneira na economia brasileira. “Esperamos um ano

com menos otimismo, sobretudo porque costumamos ver um ápice de volatilidade alguns meses antes da eleição do primeiro turno. Além disso, devido ao fato de o governo estar com uma política expansionista e a taxa do desemprego estar na mínima histórica, prevemos que o índice IPCA possa voltar a subir para cima do teto da meta, impedindo, assim, que a taxa SELIC recue de forma relevante”, afirma Raphael Cordeiro.

Por outro lado, o especialista ressalta que o cenário também não é totalmente negativo para 2026 e a principal dica é prudência nos investimentos. “Vimos um mar tranquilo até novembro, com a volatilidade do mercado apresentando recordes de mínimas e o Ibovespa batendo recorde atrás de recorde. O investidor não pode se deixar levar pela euforia do momento. É preciso manter a estratégia. Assim como no ano passado, em que o medo do final do ano não deveria fazer o investidor ficar mais conservador com seus investimentos, neste final de ano o investidor deve cuidar para não aumentar o risco do seu portfólio”, alerta.